

CONSTRUÇÃO DISCURSIVA AUDIOSIVUAL DA MEMÓRIA BOTAFOGUENSE EM “BOTAFOGO, A ESTRELA GLORIOSA”

Isabel Cristina de Oliveira Gonçalves¹
Rafael Duarte Oliveira Venancio²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar de que forma os documentários representam e constroem a memória do Botafogo de Futebol e Regatas, evidenciando quais são os principais aspectos reforçados pelos documentaristas para se produzir uma imagem específica do clube, com enfoque no documentário “Botafogo, a Estrela Gloriosa”. Tendo como base a Análise do Discurso de linha francesa, foi visto que tais produções reforçam uma imagem pré-estabelecida, associando a equipe a uma aura mística, ao caráter de sofrimento e a sua importância histórica para a consolidação do futebol brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE

Botafogo de Futebol e Regatas. Documentários. Memória. Ethos.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa³ teve como objetivo analisar de que forma os documentários, tidos como materiais comunicacionais perenes, representam e constroem a memória do Botafogo de Futebol e Regatas. Figurando entres os vinte clubes de futebol do país com maior número de torcedores, o Botafogo faz parte de uma ala tradicional no meio esportivo (PESQUISA, 2014, s. n.) A elaboração de material comunicacional calçada em glórias passadas foi um fator determinante para o desenvolvimento desse estudo específico sobre construção de imagem e memória.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação na Universidade Federal de Uberlândia. Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela mesma instituição. E-mail: isabeloligoncalves@hotmail.com.

² Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo. É Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: rdovenancio@gmail.com.

³ O presente artigo é baseado em partes do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Botafogo: A Representação e a Construção Da Memória Do Clube Através De Documentários” desenvolvido e orientado pelos autores, respectivamente.

A nossa escolha foi por um documentário produzido pela ESPN Brasil, canal de televisão por assinatura criado em 1995. O documentário foi exibido no programa ESPN Filmes, faixa dedicada a documentários gerados pelo canal (QUEM, 2014, s. n.). “Botafogo, a Estrela Gloriosa” foi desenvolvido em 2004. O vídeo contém oitenta minutos de duração, explicita a história do clube carioca, os principais títulos, as épocas de crise e depoimentos de ídolos e torcedores.

Estudos sobre a Análise de Discurso de linha francesa, desenvolvidos por Dominique Maingueneau (1987, apud BRANDÃO, 2004), Helena Brandão (2009) e Eni Puccinelli Orlandi (2009), também foram empregadas nesta pesquisa como base teórica, assim como algumas características que retomam a filosofia de linguagem, proposta por Bakhtin (1995 apud MELO; GOMES; MORAIS, 2001). Já definição de documentário explanada por Bill Nichols (2005) serviu como base teórica para a classificação do material selecionado. As características explicadas pelo estudioso norte-americano em sua obra permitiram entender o processo de representação desenvolvido nos vídeos.

O conceito de ethos, apontado por Maingueneau (2011) e Amossy (2005), corroboraram com a averiguação proposta neste estudo. A noção de ethos prévio e ethos discursivo foram aplicadas na análise do processo de representação do Botafogo.

A conceituação de memória e documento, explicitada por Le Goff (1990) também foi utilizada para o desenvolvimento desta análise. O documentário foi estudado como recortes da realidade, tendo como base a proposta do escritor francês, já que mesmo apresentando informações reais sobre o clube (documentos oficiais), eles se configuram através do olhar de quem os produziu e utilizam os dados (histórias, imagens, áudios) em um contexto escolhido, arquitetado.

A pesquisa apresentou um caráter descritivo documental de laboratório. Seguindo um modelo adotado por Silva e Venancio (2014), a descrição do documentário de forma narrativa a configura como um estudo de caso. Essa descrição narrativa consiste em evidenciar a estrutura imagética, textual e discursiva, adotada pelo documentarista. De forma cronológica, as principais informações do documentário foram elencadas e descritas, e posteriormente, analisadas.

2 DESCRIÇÃO NARRATIVA DE “BOTAFOGO, A ESTRELA GLORIOSA”

O material produzido pela ESPN pode ser classificado, segundo os preceitos de Nichols (2005, p. 26), como documentário de representação social. A história do clube carioca é contada através de uma organização determinada. O estilo de narração, a escolha dos personagens, e algumas outras características, que serão elencadas a seguir, fazem com que exista uma intervenção nos documentos históricos e na realidade explicitada. “Botafogo, a Estrela Gloriosa” faz parte de uma trilogia exibida pelo canal. Outros dois documentários contam a história do América Football Club e do Bangu Atlético Clube, times tradicionais do Rio de Janeiro, e é reiterando os três times cariocas que o material da ESPN é iniciado.

Este documentário conta com a presença de um narrador fixo, que expõe a trajetória do clube ao longo de 80 minutos, desde sua formação até o momento histórico vivido em 2004, época em que foi produzido. Essa característica, de acordo com Nichols (2005, p. 143), faz parte dos documentários expositivos. Uma entrevista com Nilton Santos é exibida após a explicação do narrador sobre a trilogia, como foi dito anteriormente. O ídolo botafoguense, já com 79 anos, lembra de companheiros de time, como Garrincha, Didi e Quarentinha e diz se orgulhar de ter defendido apenas o Botafogo durante toda sua carreira, um total de 17 anos.

Rápidas imagens de comemorações de gols e jogadas importantes começam a ser veiculadas, ao passo que a música “Esse é o Botafogo que eu gosto”, gravada pela sambista Beth Carvalho, em 1989, é tocada. A canção sempre cantada nos estádios pela torcida é considerada uma das mais importantes para o clube. Novamente temos a inserção do orador, que reitera o surgimento das agremiações de remo no Rio de Janeiro e a conquista do primeiro título na modalidade pelo Botafogo, em 1904. Em sequência, é contado como surgiu o time de futebol em 1907. O narrador afirma que esse esporte contagiava mais as pessoas do que o remo, e se tornaria a principal atividade desenvolvida pelo clube.

Quatro personagens são expostos em seguida. O narrador diz que suas vidas estão entrelaçadas à história do alvinegro. Jornalista desde 1975 e na TV Globo há 30 anos, Sandra Moreyra conta que quando nasceu, um jornal carioca publicou uma matéria com os dizeres “Nasce mais uma alvinegra”. Seu nascimento ganhou destaque graças ao seu pai, Sandro Moreyra, jornalista e cronista esportivo, famoso pelo seu fanatismo pelo Botafogo. O

coreógrafo João Viotti Saldanha relembra momentos em General Severiano ao lado do pai João Saldanha, que atuou no clube como jogador e técnico, mas se consagrou no meio esportivo como cronista. A terceira personagem, Eugenia Moreyra, também filha de Sandro Moreyra, atua como editora geral do canal Globo News, desde 2011. No documentário ela diz ter virado botafoguense já adulta e não foi influenciada quando criança pelo pai. Por fim, Luis Eduardo de Freitas afirma que o pai, o jogador Heleno de Freitas, foi a pessoa que mais amou o clube, que ele era “o Botafogo”.

Garrincha é classificado pelo orador como “o mais fabuloso ponta-direita que já existiu”. Ele reitera ainda que o jogador foi determinante para que o alvinegro se tornasse conhecido pelo futebol apresentado. É dessa maneira que um novo personagem é apresentado. Dessa vez, Ulf Lindberg, sueco, filho do jogador Garrincha. Imagens comparando o típico físico dos dois, são utilizadas enquanto Lindberg afirma que se pudesse voltar no tempo teria tentado carreira como futebolista no Brasil. O narrador diz que certamente, se fosse possível o sueco voltar no tempo, ele deveria também visitar a sede do clube, assistir à um jogo em que Garrincha atuou e ir até o túmulo do pai, localizado em Magé, no Rio de Janeiro.

Durante a narração é dito que em cem anos de história, o time da Estrela Solitária, como o Botafogo é conhecido, devido ao escudo contendo apenas a estrela d’alva, teve uma constelação de astros. Zagallo, que jogou no time de 1958 a 1965 e foi técnico em quatro oportunidades, cita uma lista de jogadores que se sobressaem na história botafoguense: Garrincha, Didi, Nilton Santos, Quarentinha, Manga, Zé Carlos, Maurício, Paulo César Caju, Amarildo, Neivaldo, Marinho Chagas e Rildo. A equipe do início da década de 1960 é lembrada, e relembra o fato de que, na época, o elenco do Botafogo contava com quatro campeões mundiais com a seleção brasileira, sendo eles: Nilton Santos, Didi, Zagallo e Garrincha.

O ator Stepan Nercessian, assim como no documentário do Canal 100, fala de sua paixão pelo Botafogo. Ele conta que, ao se casar pela segunda vez, fez apenas duas exigências: jamais comemorar o Carnaval fora do Rio de Janeiro e nunca questionar seu fanatismo pelo clube carioca. A sambista Beth Carvalho, símbolo da torcida, afirma que jamais desistirá do alvinegro, que nasceu com esse amor e que é na derrota que ela se torna mais botafoguense. Já o jornalista Luis Mendes, é inserido no enredo para explicar o porquê

do escudo conter apenas uma estrela. Ele afirma que até 1942, apenas a equipe de remo adotava essa insígnia. Ela fazia referência ao início precoce dos treinos, antes mesmo do nascer do sol. Os remadores tinham um carinho especial pela Estrela D'alva. Foi com a unificação dos clubes de remo e futebol, formando o Botafogo de Futebol e Regatas, que o escudo passou a ser utilizado nos gramados. Em sequência, são elencados os oito títulos cariocas conquistados anteriormente a essa unificação.

O narrador destaca o primeiro Campeonato Carioca vencido em 1907, e a polêmica histórica para que ele fosse reconhecido oficialmente, o que só ocorreu em 1996. Essa demora causa até hoje certa confusão, já que a música de Lamartine Babo, citada anteriormente, afirma que o time foi campeão pela primeira vez em 1910. O jornalista João Máximo, explica que clube alterou a frase “Botafogo, Botafogo, campeão desde 1910” para “Botafogo, Botafogo, campeão desde 1907”, porém, como a canção já era entoada pela torcida há décadas, acaba sendo cantada nos estádios como a versão original sugere. O narrador também explica que, devido a esta música, o apelido “Glorioso” acabou se popularizando. Esse epíteto é frequentemente usado pelos torcedores, assim como pelos jornalistas.

A narração exalta a importância da sede em General Severiano para o alvinegro e afirma que o local sempre trouxe sorte à equipe, utilizando-se a frase: “foi na proteção de General Severiano que o Botafogo viveu épocas de glória na década de 1930”. Reitera-se que o clube é o único entre as equipes cariocas a vencer por quatro vezes consecutivas o campeonato regional. Os títulos foram conquistados em 1932, 1933, 1934 e 1935, revelando, segundo o narrador, o primeiro ídolo do time: o jogador “Carvalho Leite”.

Na sequência são exibidas cenas do evento que oficializou a união do remo e do futebol botafoguense. O jornalista Luiz Mendes volta a falar sobre o escudo do time e classifica o acontecido como “uma junção de gigantes”. Conta-se, então, a história de Heleno de Freitas, que de acordo com o orador, mesmo sem conquistar títulos, marcou para sempre a história do Botafogo. Mendes é novamente inserido no vídeo. O jornalista lembra de uma partida contra o América, quando o alvinegro perdia por 3 a 0. Heleno, conhecido pelo gênio difícil, era hostilizado pelos botafoguenses pela eminente derrota. Após fazer quatro gols e garantir a vitória, o jogador teria gritado para a torcida: “agora me responsabilizem”.

Bebeto de Freitas, ex-presidente do Botafogo, filho de João Saldanha e primo de Heleno de Freitas, afirma que se não fossem as recorrentes brigas do jogador com os demais companheiros de elenco, ele estaria na seleção brasileira na Copa de 1950 e teria ajudado a impedir a derrota em casa para o Uruguai. Já o jornalista Roberto Porto diz que foi testemunha de algumas implicações de Heleno, em especial de uma partida em que o jogador marcou três gols e em todos comemorou contra a torcida do Fluminense, levando as mãos às bochechas, como se passasse maquiagem. O gesto fazia alusão ao apelido do rival carioca, “pó de arroz”, adquirido ainda na formação do clube, quando os jogadores negros precisavam usar pó de arroz para jogarem e “esconderem” sua raça. As torcidas rivais passaram a ironizar essa prática do Fluminense com o epíteto. Já compositor Zé Rodrix, relembra um jogo em que Heleno fez seis gols, dois de cabeça. Segundo Rodrix, o próprio atacante levantava a bola para depois cabecear, não necessitando do passe dos companheiros.

Luiz Mendes conta que o jogador botafoguense foi o primeiro jogador a levar as namoradas a campo, que era conhecido como “mulherengo” nas noites cariocas, mas, mesmo assim, as torcidas adversárias enfatizavam características femininas em suas piadas e diziam que o jogador era homossexual. Rodrix conta que pelo jeito galante, pela mania de pentear os cabelos já no gramado e principalmente pelo jeito temperamental, acabou sendo apelidado pelos rivais como “Gilda”, personagem de Rita Rayworth em filme homônimo. No clássico noir, a atriz era impulsiva, sempre muito emotiva em suas atitudes. São utilizadas imagens de arquivo de Heleno e cenas do filme para ilustrar as falas dos entrevistados. Em seguida, são exibidas cenas da peça de teatro “Heleno, um homem chamado Gilda”, interpretada pelo ator Raul Gazolla, em 1996.

Luiz Eduardo de Freitas, filho do jogador, é novamente inserido no documentário. Dessa vez, o corretor de imóveis relembra a infância distante do pai. Ele afirma que nunca chegou a ter contato devido à postura do padrasto de impedir que se falasse do jogador em sua residência. Conta que sua mãe Ilma se separou do jogador quando ele tinha apenas dois anos. Na época, Heleno jogava na Argentina e já dava sinais de fraqueza mental. Luiz Eduardo explicita que com dez anos de idade ficou sabendo que o pai, após um longo período em um manicômio, havia falecido. O contato com a família paterna só viria aos 14 anos. O corretor afirma que nunca teve muita intimidade com o futebol, mas que gostaria de

ter conhecido e até mesmo “sido” Heleno. Para ele, o pai viveu intensamente, atraía olhares, tinha um talento natural. Mesmo em meio a uma vida sofrida, ele teria aproveitado cada momento, se dedicado à sua paixão pelo esporte. Emocionado, Luiz Eduardo, que na época do vídeo estava com 55 anos, afirma que passou a vida tentando descobrir informações sobre o pai, buscando arquivos documentais, e que gostaria que ele tivesse sido mais presente, não passado por um fim de carreira e de vida de formas tão trágicas. Por fim, o narrador conta que a última partida que Heleno disputou pelo Botafogo foi também a sua única atuação no Maracanã, reiterando que o jogador morreu em 1959.

Adiante, o orador lê um trecho da crônica “Botafogo e eu”, escrita por Armando Nogueira e publicada em 2003. Essa parte do texto também está presente na biografia escrita por Augusto (2004):

O Botafogo é bem mais que um clube – é uma predestinação celestial. Seu símbolo é uma entidade divina. Feliz da criatura que tem por guia e emblema uma estrela. Por isso é que o Botafogo está sempre no caminho certo. O caminho da luz. Feliz do clube que tem por escudo uma invenção de Deus. Estrela solitária. (AUGUSTO, 2004, p. 32)

A torcida comemorando, cantando o samba de Beth Carvalho em 2003, serve de fundo para a explicação do narrador de que, após 360 dias de sofrimento, o Botafogo enfim voltaria a disputar a primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Ele conta que a derrota para o São Paulo Futebol Clube por 1 a 0, cravou a queda do clube para a segunda divisão em 2002. O time terminou a temporada com seis vitórias em vinte e cinco jogos, fazendo menos de um gol por partida. Imagens do jogo fatídico são exibidas durante a explicação, na qual o episódio é classificado como “pior capítulo da história do Botafogo”. Em seguida, o contraponto. Imagens do jogo realizado no Estádio Caio Martins em 22 de novembro de 2003, contra o Marília Atlético Clube, exibem a torcida em êxtase, comemorando os gols de Sandro e Camacho, como também, o acesso à elite do futebol brasileiro. Para o narrador, aquele sábado ficará guardado na memória dos botafoguenses, tanto torcedores como jogadores, num misto de felicidade e alívio.

O atacante alvinegro Camacho diz após o jogo que possuía uma sensação de dever cumprido por ajudar o time. O também atacante Almir aponta para os torcedores chorando de felicidade no gramado e afirma que aquilo era tudo que ele queria. Um dos torcedores ilustrados diz aos prantos que é botafoguense desde seu nascimento e assim será até a morte.

Novamente, Stepan Nercessian é inserido na narrativa, dessa vez, mostrando sua sala no Retiro dos Artistas, tradicional instituição carioca Retiro dos Artistas. No local enfeitado com diversos objetos que fazem referência ao Botafogo, o ator afirma que 2003 foi como um purgatório e que a volta do clube a primeira divisão do Campeonato Brasileiro esteve rodeada de sorte e mística. Para ele, o time não tinha grandes talentos e contou com a combinação de diversos resultados, com o infortúnio dos rivais, com a proteção divina em meio às dificuldades. Na sequência, Nercessian lê um poema de autoria própria, no qual afirma que da humilhação a torcida e os jogadores buscaram a luz, a energia para fazer com que a “Estrela Solitária” brilhasse novamente, e que em 2004, ano do centenário alvinegro, ele comemoraria junto ao time de coração.

Como se retrocedesse em uma linha do tempo são citados alguns momentos importantes para o Botafogo. Reitera-se o título perdido para o Esporte Clube Juventude, em pleno Maracanã, na final da Copa do Brasil de 1999. Depois, a conquista do Torneio Rio-São Paulo em 1998. Na disputa que envolveu oito equipes, o alvinegro carioca venceu o São Paulo na final. Chega-se em 1995, ano em que o Botafogo venceu o Campeonato Brasileiro. A final, disputada contra o Santos Futebol Clube, serve de paralelo com o passado, já que na década de 1960, época de ouro do Botafogo, o Santos também viveu sua melhor fase. São exibidas cenas da final e de jogadores como Pelé e Garrincha. José Amoroso Filho, centroavante campeão carioca com o alvinegro em 1961 e 1962, afirma que o clássico contra o Santos era um de seus jogos preferidos. O jogador conta que os estádios que recebiam as partidas estavam sempre lotados devido à qualidade das equipes. Por fim, diz que as duas equipes marcaram época pelas goleadas aplicadas, pelos placares elásticos que conquistavam em quase todos os jogos.

O narrador enfatiza que no time de 1995 não havia nenhum jogador que se comparasse aos ídolos da década de 1960, mas destaca a presença de Túlio Maravilha. Entram, então, as narrações oficiais dos jogos da final contra o Santos. No jogo de ida, disputado no Maracanã e com placar final de 2 a 1, Túlio e Gottardo fizeram as honras botafoguenses. Giovanni marcou para o time paulista. Na voz de Nivaldo Pietro, o jogo de volta realizado no Estádio Pacaembu, é descrito como emocionante. O Botafogo abriu o placar com gol de Túlio, artilheiro da competição com 23 gols. Marcelo Passos fez o gol santista. Garantido pelo goleiro botafoguense Vagner, o empate deu o título para o clube

carioca. Para o orador do documentário, aquele dia também é um dia que ajudou a construir a memória botafoguense, e que não será esquecido pelos apaixonados pelo clube.

Volta-se um pouco mais na história do Botafogo. Começa a ser descrito também um dos mais importantes momentos do alvinegro, o título carioca de 1989. A conquista veio após 21 anos sem levantar nenhuma taça. Valdir Espinosa, técnico da equipe na época, conta que ao chegar para trabalhar, se viu sem condições. Os próprios jogadores não acreditavam na possibilidade de título. Emil Pinheiro, então presidente do clube, começou a investir no time com o próprio dinheiro, advindo da atividade de banqueiro do Jogo do Bicho. Segundo Espinosa, era Emil quem pagava o aluguel de muitos jogadores na Barra da Tijuca, bairro nobre do Rio de Janeiro.

Outro personagem determinante para essa vitória do Botafogo é inserido no documentário. Maurício, autor do gol da final, diz que o time era coeso, seguia bem as instruções determinadas, mantinha sempre um bom diálogo. Espinosa volta a ser mostrado e explicita, segundo ele, uma das características fundamentais para que o time se mantivesse invicto na competição. Os “churrascões”, como eram chamadas as reuniões dos jogadores e esposas após as partidas, servia para que a equipe conversasse sobre os erros e acertos dos jogos disputados de forma descontraída e visualizassem melhoras para os próximos confrontos. Esses encontros também eram bancados por Emil.

Maurício conta que devido a uma íngua e febre alta, cogitou não atuar na final contra o Flamengo. Com o apoio médico do clube e de uma benzedeira, porém, se viu motivado. A certeza de que jogaria veio após a visita do ídolo botafoguense Nilton Santos que, enquanto ele aguardava no vestiário, disse que tudo daria certo e que o espírito de Garrincha o ajudaria em campo. O jogador diz que não conseguia fazer suas jogadas típicas e que aos prantos, pediu ao técnico para ser substituído. Espinosa, que não acreditava em superstições, falou ao jogador que havia sonhado com o resultado da partida: um a zero para o Botafogo, com gol de Maurício. O jogador voltou a campo e minutos depois fez o único gol da partida.

O técnico diz no documentário, que na verdade, não havia sonhado, queria apenas arranjar uma forma de incentivar o atacante e apelou para uma das características fundamentais no clube, a mística. São, então, exibidas imagens da partida narrada por Paulo Stein. Maurício revela alguns quesitos, que pare ele, reforçam a sorte do dia. Foram 21 anos

sem títulos, e seu gol saiu os 12 minutos, ou seja, os números inversos. O passe para o goleiro do ponta-esquerda Mazolinha, que vestia a camisa número 14. O atacante usava o número 7, consagrada entre os botafoguenses. A soma dos dois números é 21.

O amor do cronista esportivo Sandro Moreyra pelo Botafogo é exposto no documentário. Falecido em 1987, não chegou a ver esse momento de alívio em 1989, mas acompanhou de perto a época de ouro do clube na década de 1960. O jogador Nilton Santos e o jornalista João Máximo relatam que Moreyra fazia loucuras pelo clube. Fingia ser da comissão técnica para ter acesso a locais onde o elenco se reunia.

As filhas Sandra e Eugênia Moreyra voltam a falar sobre o pai botafoguense. Sandra, repórter da TV Globo, lembra do dia em que o clube reassumiu General Severiano, local estimado por Sandro. Segundo ela, outra pessoa estava escalada para cobrir o evento, mas ela se recusou a não participar e disse que caso não fizesse nenhuma reportagem, iria por conta própria e não trabalharia no dia. Já Eugenia, conta que o pai era muito amigo de João Saldanha, botafoguense, e que ambos falavam do time durante horas. Ela lembra também, que só quando estava adulta foi ter a dimensão da importância dos dois e de Nilton Santos, também amigo de Moreyra, para a construção de memória do clube.

Um torcedor desconhecido, gravado durante partida no Maracanã, serve de exemplo para o narrador. Sozinho, ele anda de um lado para outro na arquibancada, beija o escudo na camisa, grita para os jogadores, leva as mãos à cabeça e de tempos em tempos faz uma prece aos céus, em sinal de sofrimento. Essas características, segundo a narração, são típicas de um botafoguense. Entra em cena o documentarista João Moreira Salles. Para ele, a torcida não poderia ser melhor representada. Em suas palavras, a Estrela Solitária se enquadra também na individualidade dos que vão aos estádios torcer pelo Botafogo. Mesmo estando em uma multidão, com as arquibancadas lotadas, cada botafoguense sofre à sua maneira.

Em seguida, são exibidas cenas de 2003, quando torcedores e profissionais do time, limpam, fazem rezas e benzem a sede em General Severiano. O então presidente Bebeto de Freitas, diz em tom de brincadeira que aquilo era para trazer sucesso na empreitada. Como supracitado, neste ano o Botafogo buscava voltar para a primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Em entrevista, ele afirma que sempre sonhou em ocupar o cargo máximo da diretoria alvinegra, mas que passou a ter a sensação de que o Botafogo sempre vive a

sensação de que pode deixar de existir a qualquer momento, devido às dificuldades e à dramaticidade das campanhas, aos personagens icônicos que construíram a história do clube. Por fim, ele diz que a família sempre teve orgulho de Heleno de Freitas e de João Saldanha, e que as peripécias botafoguenses envolvendo os dois primos eram sempre contadas em casa.

João Saldanha ganha destaque no documentário. Segundo o narrador, a história do cronista esportivo se confunde com as do Botafogo e do futebol brasileiro, e que Saldanha deixou milhões de admiradores. Nilton Santos começa a falar do companheiro de clube e diz que a inteligência do cronista como técnico foi determinante para que eles fossem bicampeões cariocas. O jornalista Luis Mendes afirma que João é um personagem quase imbatível no meio futebolístico, devido ao alto conhecimento sobre futebol. É então inserida uma gravação, que continha as vozes de Paulo Alberto Monteiro de Barros e de Saldanha. No documento adquirido no Museu da Imagem e do Som no Rio de Janeiro, Saldanha é perguntado se acredita na existência de algum craque de futebol burro. Ele responde que nunca viu e que para ser craque é preciso ser inteligente, perspicaz, saber fazer algo diferente do que os adversários esperam. Como ilustração, são mostradas imagens do cronista durante sua passagem pelo Botafogo, ao lado dos ídolos da torcida, como também exercendo sua profissão de jornalista.

As fotos foram reunidas em um filme produzido por João Viotti Saldanha, filme do jornalista, e usadas no documentário. O coreógrafo descreve o pai e diz que ele não conversava, mas dava palestras. Ruth Viotti, esposa de Saldanha, conta que o marido odiava trabalhar em um cartório e que um dia simplesmente resolveu não ir mais trabalhar. Segundo ela, aflita, entrou em contato com o irmão, que trabalhava na TV Tupi e pediu para que ele arranjasse um emprego como comentarista para Saldanha. O cunhado não conseguiu na TV, mas o indicou para a Rádio Guanabara. Ruth afirma que depois disso, a paixão do marido pelo esporte se encarregou de fazer com que as coisas continuassem a ir “de vento em popa”.

O jornalista Roberto Porto relata um acontecido da década de 1960, quando Saldanha era técnico do Botafogo. Didi, uma das estrelas do time, havia sido vendido para o clube espanhol Real Madrid. Durante a construção de uma matéria Sandro Moreyra foi até Rossi e o entregou uma camisa com número oito, dizendo que ele certamente seria o

substituto de Didi na partida contra o Vasco da Gama. Saldanha, que passava pelo local no momento, indagou o que acontecia. Moreyra respondeu que acreditava que aquela seria a melhor substituição a ser feita. Sentindo que sua autoridade como técnico havia sido desmerecida, Saldanha escalou o meia-atacante Tião Macalé. O Botafogo não conseguiu a vitória e Saldanha foi substituído do cargo, segundo Porto, por não aceitar a sugestão de Moreyra.

Gerson, campeão carioca com o Botafogo em 1967 e 1968, afirma que os dois eram amigos apesar da situação citada e relembra uma tarde de boas risadas. Ao lado dos dois, do jornalista Luis Mendes e do locutor Doalcei Camargo, eles bebiam e falavam sobre as histórias passadas. Segundo Gerson, Saldanha gostava de contar longos causos. Aos risos, o jogador diz que ele e Moreyra eram obrigados a confirmar as histórias, mas também combinavam de dizer que não se lembravam dos acontecidos reiterados, mesmo que fossem verdade, para caçoar de Saldanha.

Nilton Santos diz que a presença de Garrincha e Saldanha foram determinantes para a conquista do bicampeonato carioca em 1961 e 1962. Conta-se, então, a ligação de Nilton Santos com o Botafogo. O jogador diz que durante os 17 anos que atuou pelo clube não fez grandes exigências, porque se divertia jogando bola e atuava ao lado de craques. Octávio, que também jogou pelo Botafogo, é usado como exemplo para lembrar os futebolistas graduados. Ele estudava arquitetura e trabalhou com Niemayer. Os jogadores Quarentinha e Paulo Valentim também são citados pelo narrador como importantes jogadores do clube. Nilton Santos afirma, em seguida, que Garrincha era impossível de ser marcado, não havia como acompanhar seus dribles. Ao som de “O meu guri”, cantada por Elza Soares, são exibidos dribles marcantes de Garrincha. A cantora foi casada com o ídolo botafoguense de 1968 a 1982, com quem teve um filho. O menino faleceu aos nove anos em um acidente de carro. Ele iria visitar o túmulo de Garrincha, em Magé.

Recordando o dia em que Garrincha foi contratado pelo Botafogo, Nilton Santos ri e diz que não acreditou no potencial do jogador. Após ser driblado várias vezes no jogo teste, o “melhor lateral-esquerdo da história” admite que também nunca foi capaz de parar o “anjo das pernas tortas”. Garrincha é adjetivado como “desconcertante” e afirma-se que é possível nascer alguém com o talento de Pelé, mas jamais, como Garrincha. Nilton Santos reafirma a simplicidade do jogador, a quem ele chama de “compadre”.

O narrador fala então de Didi, classificado como um mestre na arte de jogar futebol. O jogador foi bicampeão mundial com a seleção brasileira, tricampeão carioca com o Botafogo e segundo a narração, foi no Botafogo que ele viveu a melhor fase de sua carreira. Zagallo é novamente inserido no documentário e diz que aprendeu muito atuando ao lado de Didi, tanto no alvinegro, quanto jogando pelo Brasil.

Zagallo revela que, ao assumir o comando do Botafogo como técnico em 1966, oito jogadores da base se juntaram ao elenco principal. Essa renovação, para o ídolo botafoguense, foi essencial para que se desenvolvesse uma sequência de títulos e caracteriza os anos de 1967 e 1968 como perfeitos, inesquecíveis para a torcida. O ex-técnico do clube carioca afirma também que o Botafogo tem suas campanhas vitoriosas marcadas pelas individualidades, citando Jair. Esse é o próximo ídolo a ser descrito.

Jairzinho, como é conhecido, assumiu o posto de Garrincha no Botafogo, utilizando também a camisa sete. Reforçando o número de jogadores botafoguenses escalados para a seleção brasileira, o atacante foi artilheiro e campeão da Copa do Mundo de 1970, realizada no México. Além disso, o narrador elenca seus títulos conquistados pelo alvinegro carioca. Foi bicampeão do Torneio Rio-São Paulo, em 1964 e 1966, e do Campeonato carioca, em 1967 e 1968.

Concluindo o documentário, o narrador afirma que o cenário vivido pelo Botafogo em 2004 estava longe de se parecer com sua época de ouro. Segundo ele, os gols sofridos no último minuto de jogo, as bolas que não entram no gol, as vitórias que sempre escapam, caracterizam o time da época. Vários personagens explicitados no documentário dizem a frase “Há coisas que só acontecem com o Botafogo”. O orador, porém, enfatiza que nos 100 anos vividos pelo clube, já que na época que o material foi produzido o Botafogo completava seu centenário, muitas glórias foram conquistadas e nada poderá apagar o brilho dessa “Estrela Gloriosa”. Beth carvalho diz que não existe nada mais belo que o Maracanã lotado de alvinegros. A última frase do documentário é proferida por Nilton Santos, que afirma que o clube carioca é uma família. O samba “Esse é o Botafogo que eu gosto” é tocado enquanto imagens de diversos momentos e ídolos são mostradas.

3 DISCURSO E MEMÓRIA

Nichols discorre sobre a construção do documentário e o explicita como um gênero em transformação contínua, que exerce uma função de representação da realidade, fugindo da concepção errônea de reprodução. Além disso, o ponto de vista de quem o produz, influência na maneira como um tema é retratado (NICHOLS, 2005, p. 47).

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entra em cena varia de filme para filme, mas a ideia de representação é fundamental para o documentário (NICHOLS, 2005, p. 30).

Inicialmente, em seu estudo, o teórico norte-americano explicita a complexidade de se definir o que é um documentário. Para ele, essa definição se estabelece sempre de modo relativo ou comparativo, geralmente antepostos ao sentido de filmes de ficção e de vanguarda (NICHOLS, 2005, p. 47).

Como maneira de definir este gênero, são elencadas algumas convenções típicas, que auxiliam a distingui-lo dos demais, como entrevistas, cortes e o uso de atores sociais (inseridos dentro de suas funções cotidianas) como principais personagens da obra. A utilização de um método informativo e uma organização do enredo voltada para a solução de um problema, geralmente proposto no início dos filmes, também são predominantes nos documentários (NICHOLS, 2005, p. 54).

Se o documentário fosse uma *reprodução* da realidade [...], teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. [...] Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original. [...] Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias ou do conhecimento que oferece e pela qualidade da orientação ou da direção, do tom ou do ponto de vista que instila (NICHOLS, 2005, p. 48).

Nichols (2005, p. 26) diz que os filmes podem ser configurados em duas categorias: documentários de satisfação e desejo e documentários de representação social. O primeiro tipo, denominado pelo autor como ficção, concretizam de forma visível e audível, os anseios, sonhos, pesadelos e pavores do ser humano.

Expressam aquilo que desejamos, ou tememos, que a realidade seja ou possa vir a ser. Tais filmes transmitem verdades, se assim quisermos. São filmes cujas verdades, cujas ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar. Oferecem-nos mundos a serem explorados e contemplados; ou podemos simplesmente nos deliciar com o prazer de passar do mundo que nos cerca para esses outros mundos de possibilidades infinitas (NICHOLS, 2005, p. 26).

O segundo modelo explicitado pelo pensador norte-americano reitera o que conhecemos como não-ficção. Essas produções evidenciam perspectivas de uma realidade com a qual os indivíduos já interagiram, compartilharam (NICHOLS, 2005, p. 26). Aqui, a intervenção do documentarista é mais nítida, explanando uma realidade em conformidade com uma seleção e organização de quem produz.

Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que exploremos e compreendamos (NICHOLS, 2005, p. 27).

Em sua obra, o teórico afirma que ambas as categorias carecem de interpretação, já que se configuram como histórias. Essa análise baseia-se nos valores e significados difundidos em um filme. Essa significância almejada pelos documentaristas visa um impacto na realidade histórica na qual está inserido e, para isso, a crença é encorajada nos documentários. Estabelece-se uma tentativa de convencimento. “O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social” (NICHOLS, 2005, p. 27).

No estudo, além das categorias elencadas, o documentário é dividido em seis subgêneros, a saber: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Para o autor, esses modos de representação possuem características peculiares que, de modo geral, auxiliam durante a produção e geram expectativas específicas em quem assiste. Contudo, um filme não precisa necessariamente se enquadrar em apenas um desses modos, podendo apenas trazer um como dominante e explicitar aspectos de outros em sua organização final. Essa margem de liberdade se evidencia como uma das características do gênero (NICHOLS, 2005, p. 135).

Em função desse resgate de memória, é cada vez mais comum a produção de documentários no cenário jornalístico voltado ao esporte. Projetos desenvolvidos por jornalistas em formação, assim como os materiais perenes gerados profissionalmente, preservam registros históricos e incentivam a presença de diversos gêneros nos meios de comunicação.

A veiculação de documentários tende a acontecer por canais fechados da televisão brasileira, atendendo a uma noção de jornalismo especializado. Observa-se que as produções relativas ao futebol ganham destaque nas emissoras especializadas em esportes,

explanando uma linguagem familiarizada ao seu público. Quando transmitidas em canal aberto, costumam ser divididas em episódios, mantendo um ritmo factual e priorizando à necessidade de prender a atenção de diferentes públicos.

A crescente utilização de documentários também é perceptível em espaços construídos com o intento de resguardar a memória do futebol, como no Museu do Futebol, em São Paulo, e no Museu Brasileiro de Futebol, em Belo Horizonte. Isso reflete que a conservação da história do esporte se calça também em produções audiovisuais, o que amplia as possibilidades de preservação e difusão de informações sobre o tema.

Os vídeos fazem com que a população tenha contato com informações históricas, de maneira dinâmica. Diferente dos livros, os documentários alcançam pessoas letradas e não letradas, sendo determinantes na construção de uma identidade através da elaboração do discurso e do apelo imagético.

Segundo Altafini (apud MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 3), para um produto configurar-se como documentário, é necessário apenas que ele traga imagens e personagens “reais”. Porém, até mesmo filmes de ficção, como definido anteriormente por Nichols (1995, p. 26), explicitam documentos reais para a construção de seus enredos.

De acordo com Melo, Gomes e Moraes (2001, p. 3), “o fato de inserir imagens reais em filmes/vídeos não é condição única para assegurar o status de documentário a uma produção.” Esses arquivos históricos evidenciam um momento da realidade, mas para configurarem-se como um documentário, é necessário a existência de uma narrativa, neste caso, produzida pelo jornalista.

Com base no objeto de estudo, os documentários a respeito do Botafogo reiteram momentos históricos importantes e personagens icônicos, na tentativa de se construir e preservar a memória do clube. Em “História e Memória” (1990), Jacques Le Goff explica que, essa representação histórica, não necessariamente traduz fielmente um fato ocorrido, mas a escolha de elementos específicos de acordo com o intento do historiador.

Neste contexto, entende-se que os documentários sobre a equipe carioca atuam na rememoração de acontecimentos reais, mas, trazem consigo pontos de vista e intentos dos jornalistas. A tentativa de atrair a atenção do torcedor, uma possível paixão pelo clube, a afeição por um jogador mencionado, entre outros, podem influenciar na escolha do material “real” e, consecutivamente, nesse processo de construção da memória.

Segundo o historiador francês, são fundamentais para a formação da memória, relacionando-se aqui ao clube de futebol, a existência de dois elementos: o monumento e o documento.

O monumento tem como características ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. [...] O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito (LE GOFF, 1990, p. 536).

Mesmo estabelecendo essa segmentação, Le Goff expõe a ideia de que todo documento é um monumento.

O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica (LE GOFF, 1990, p. 549).

Assim, compreende-se que os documentários, mesmo baseados em documentos (materiais históricos em geral, como vídeos das partidas, áudios de narração ou entrevistas), se configuram através do desígnio daquele que o produz. O documentarista se projeta como um sujeito histórico do seu tempo.

Fundamentando-se em Le Goff (1990), Cristina Beskow (2013, s. n.) traz a noção de que o documentário é tido como um documento/monumento, apresentando um recorte da realidade. Para a autora, porém, a memória construída a partir desse filme se relaciona ao processo de representação almejado na produção, ao discurso idealizado pelo autor. Percebe-se, dessa maneira, que mesmo sendo entendido muitas vezes como um discurso do real, o documentário é fruto da interferência do jornalista. Assim não apenas reproduz a história do Botafogo, mas a representa.

Na tentativa de buscar saber mais ou rememorar acontecimentos sobre algo, no caso sobre o Botafogo, o telespectador assim como o internauta, assiste aos documentários jornalísticos produzidos. Isso se configura quase como uma tentativa de obter as informações verdadeiras sobre o clube. Segundo Melo, Gomes e Morais (2001, p. 4), porém, “o jornalismo não é o repasse da verdade, mas a narração de ações discursivas que permitem construir diferentes universos de referência para a definição de sentidos”.

Com as escolhas do jornalista, que se referem às imagens, palavras e expressões do texto, o momento histórico, entre outras características, o “real” é modificado. Com esse

processo de filtragem das informações e dos documentos encontrados, os indivíduos têm acesso à uma representação do clube carioca. O documentarista/jornalista pode, com isso, construir ou reafirmar uma imagem do Botafogo de Futebol e Regatas.

Com relação à verificação do processo de construção de imagem do Botafogo nos documentários, explicita-se a noção de ethos. A concepção inicial desta terminologia foi proposta por Aristóteles, inserida dentro da retórica antiga, como um autorretrato discursivo. Segundo *Mainqueneau* (2011, p. 13), na definição trabalhada pelo filósofo grego, a formação desse discurso tem como intento causar boa impressão, convencer o público de algo, angariar a confiança daquele que ouve. Cabe ao destinatário conferir certas características a aquele que fala.

Dentro da AD proposta por Dominique *Mainqueneau* (apud AMOSSY, 2005, p. 16) a concepção de ethos se articula ao contexto, indo além do que propôs Aristóteles. Pode-se construir uma imagem, adotar um papel, de acordo com o cenário em que o discurso está inserido, com o público que se deseja alcançar, com a intenção do enunciado. A enunciação é fundamental, mas a construção de imagem dentro de discurso se dá também por outras características, como crenças, estilos, trejeitos, e muito pelo que se sabe anteriormente daquele que fala ou do assunto a ser discursado (AMOSSY, 2005, p. 9).

Segundo o linguista francês, as representações do ethos do enunciador, podem ser construídas antes mesmo dele iniciar sua fala. Estabelece-se dessa maneira, a distinção entre ethos discursivo e ethos pré-discursivo. Quando o discurso correlaciona-se à algo ou alguém, sobre qual temos conhecimento prévio, o discurso vem para confirmar ou infirmar o ethos anteriormente construído. E a partir desse discurso, a concepção de imagem formada, pode se transformar ou permanecer a mesma, reafirmando um ethos ou construindo um novo (MAINGUENEAU, 2011, p. 16).

4 A CONSTRUÇÃO ETHÓPICA DO BOTAFOGO

“Botafogo, a Estrela Gloriosa”, descrito acima, tem sua narrativa construída de forma didática. Tem como proposta abordar os cem anos de história do clube, já que foi produzido em 2004. Portanto, diferente do material desenvolvido pelo Canal 100, que apenas evidencia os momentos de glória, este documentário permeia a fundação, os títulos

importantes, a história dos grandes ídolos e os momentos de sofrimento enfrentados pelos torcedores.

Mesmo tratando de fatos reais, as edições e as inserções de quesitos literários, permitem classificar esta produção como documentário poético. Com base no estudo de Nichols (1995, p. 141), a leitura de crônicas e a fragmentação de um mesmo acontecido são características que reforçam essa classificação. Como citado anteriormente, a presença fixa do narrador, que não é exibido em nenhum trecho, também possibilita categorizá-lo como expositivo. A última categoria explicitada pelo estudioso norte-americano abarca as produções performáticas, que explicitam experiências pessoais, envolvimento emocional e memória, algo semelhante ao que a equipe da ESPN propõe.

O narrador é utilizado, principalmente, para ligar histórias de diferentes épocas, construir uma sequência lógica. A maioria das informações, porém, é trazida ao vídeo pelos diversos personagens, incluindo jogadores, técnicos, torcedores ilustres e desconhecidos, entre outros. Essa utilização de diversas “vozes” retoma algo utilizado no primeiro documentário descrito, o dialogismo. Remetendo aos estudos de Brandão (2009, p. 5), os indivíduos veiculados, dialogam entre si, fazem referência a diálogos que tiveram com terceiros ou até mesmo de outras pessoas. Assim, essas vozes acabam reforçando o discurso apresentado no documentário.

O conjunto de imagens exibidas, como de jogos, da vida pessoal dos ídolos, dos torcedores nos estádios, reiteram uma estruturação ideológica, um dos principais pontos expostos pela Análise do Discurso (BRANDÃO, 2009, p. 10). Os personagens expostos visualizam o time de uma maneira específica e, pelas falas, também têm consciência das relações de importância histórica, tanto de si mesmos, quanto das pessoas citadas, como Garrincha. Eles têm dimensão do poder de influência que têm sobre a torcida e da importância de suas participações em materiais de preservação da memória do Botafogo. Constrói-se algo semelhante a uma relação de poder, mas de cunho ideológico. O fato dos diálogos compactuarem entre si fazem com que essa estruturação seja reforçada.

Abordando um contexto específico e o futebol desenvolvido pelo Botafogo, os discursos presentes no documentário apresentam um linguajar típico do meio esportivo. Personagens de diferentes áreas profissionais e idades adotam metáforas para falar do talento dos ídolos botafoguenses, de suas memórias envolvendo o alvinegro. Acentuam-se

assim, a noção de que as falas dos personagens só fazem sentido porque estão interligadas por um mesmo assunto, exemplificando o que Brandão (2009, p. 4), entende como contexto dentro da Análise do Discurso. Já as figuras de linguagem, como “gol de letra” e “jogar na banheira”, utilizadas no documentário, descrevem melhor um episódio. Para Melo, Gomes e Morais (2001, p. 6), elas ganham espaço nesse tipo de material jornalístico por auxiliarem na transposição de uma ideia.

Nesse processo de construção da memória do alvinegro carioca, a ESPN resgata documentos históricos, como filmagens de jogos, áudios, entrevistas em campo, de diferentes épocas, podendo ser incluído no que Le Goff (1990, p. 590) chama de documento-monumento. Percebe-se, porém, o enfoque em certos períodos e personagens. Todo momento, os títulos conquistados no início da década de 1960 e os jogadores que compuseram esse elenco, como Nilton Santos e Garrincha, são citados. Eles são usados como referência para se discutir outras conquistas, outros bons jogadores. A memória, neste caso, é fruto de um processo de representação específico. É almejando essa representação que se estabelecem imagens específicas sobre o Botafogo. As pessoas que aparecem no vídeo, assim como o narrador, fazem questão de associar o clube a questões espirituais, a um caráter místico. Configura-se assim, um ethos de superstição. Cenas de pessoas rezando, benzendo os locais que pertencem ao time, os trechos de crônicas lidos, enfatizam essa necessidade de ligar o clube ao sobrenatural.

Outra temática recorrente em “Botafogo, a Estrela Gloriosa” tem relação com as adversidades. Os depoimentos reiteram as dificuldades enfrentadas pelos jogadores, tanto no futebol, quanto na vida pessoal, a agonia dos torcedores em diferentes épocas. As falas são sempre carregadas de emoção. Até mesmo as narrações oficiais dos jogos trazem metáforas que suscitam um histórico de contratempos enfrentados pelos botafoguenses. Constrói-se, então, um ethos de sofrimento.

As vozes presentes no vídeo, incluindo o narrador, acentuam o legado do Botafogo, sua importância para o desenvolvimento do futebol brasileiro e do reconhecimento internacional. O grande número de jogadores do clube carioca nas conquistas do Brasil em Copas do Mundo é citado diversas vezes, a fim de enfatizar a qualidade da equipe. Reafirma-se, portanto, um caráter histórico, um ethos de tradição. Com a reiteração constante de uma época específica, no caso a década de 1960, esse ethos é reforçado.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. *Da noção retórica de ethos à análise do discurso*. In: **AMOSSY, Ruth (Org.). Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. 207p.
- AUGUSTO, Sérgio. **Botafogo - Entre o céu e o inferno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 255 p.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Analizando o discurso*. 2009. In: **Museu da língua portuguesa: Estação da Luz**. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2014.
- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **Historia e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1990. 553 p.
- MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. *O Documentário como Gênero Jornalístico Televisivo*. In: **XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação**, 2001, Campo Grande. Mato Grosso do Sul: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/e969053bfccdc7be14f5e0a009b95215.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2014.
- MAINGUNEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 264 p.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- PESQUISA LANCE! Ibope: *Flamengo segue com a maior torcida do Brasil*. 2014. In: **LANCE!NET**. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Pesquisa-LANCE-Ibope-Flamengo-Brasil_0_1200480135.html>. Acesso em: 20 dez. 2014.
- QUEM Somos**. 2014. In: **ESPN**. Disponível em: <<http://espn.uol.com.br/quemsomos>>. Acesso em: 10 dez. 2014.
- SILVA, Fernanda Torquato Braga; VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. *Tons de Cora: ficção no Documentário Biográfico*. In: **XXXVII Congresso Brasileiro de Comunicação**, 2014, Foz do Iguaçu. Paraná: Intercom, 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R917521.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.
- SILVEIRA, D. CORDOVA, F. *A pesquisa científica*. In: **GERHARDT, T. SILVEIRA, D. (Org.). Métodos da pesquisa**. Porto Alegre: U

Audiovisual Discursive Construction of Botafogo's memory at "Botafogo, a Estrela Gloriosa"

ABSTRACT

This research aims to analyze how documentaries represent and build the memory of Botafogo de Futebol e Regatas, highlighting what are the main aspects reinforced by documentarists to produce a specific image of the club, with focus at a documentar film "Botafogo, a Estrela Gloriosa". Based on the French Discourse Analysis, it was seen that such productions reinforce a pre-established image, associating the team with a mystical aura, the character of suffering and its historical importance for the consolidation of Brazilian soccer.

Keywords: Botafogo de Futebol e Regatas. Documentaries. Memory. Ethos.

La Construcción Audiovisual Discursiva de la Memoria de Botafogo em "Botafogo, uns Estrella Gloriosa"

RESUMEN

Esta investigación pretende analizar cómo los documentales representan y construyen la memoria del Botafogo de Futebol y Regatas, destacando cuáles son los principales aspectos reforzados por los documentalistas para producir una imagen específica del club, con especial atención en una película documental "Botafogo, una Estrella Gloriosa". Basado en el análisis del discurso francés, se vio que tales producciones refuerzan una imagen preestablecida, asociando al equipo con un aura mística, el carácter del sufrimiento y su importancia histórica para la consolidación del fútbol brasileño.

Palabras clave: Botafogo de Futebol e Regatas. Documentales. Memoria. Ethos.

Recebido em: 27/03/2017

Aceito em: 31/05/2017